



GÊNERO E SEXUALIDADE NO PENSAMENTO CATÓLICO CONTEMPORÂNEO

Anna Marina De Pinho Barbará Pinheiro

Temos como foco, no presente trabalho, o pensamento político-teológico católico-romano, no período que se estende do imediato pós-guerra ao início dos anos de 1970, com o objetivo de identificar os principais temas em torno dos quais os teólogos moralistas e demais intelectuais ligados à Igreja circunscrevem a discussão sobre a sexualidade nas diversas etapas da vida humana.

Do ponto de vista teórico, trabalharemos conforme a análise do pensamento católico acerca de gênero e sexualidade realizada por Uta Ranke Heinemann¹ que, caracterizando este pensamento como essencialmente pessimista, cunha a expressão “pessimismo sexual cristão”, buscando compreender tal pessimismo não apenas a partir da identificação das matrizes teóricas que o informam (pensamento grego e pagão das primeiras eras do cristianismo), como também da vivência sexual dos primeiros doutores da Igreja e principais artífices da concepção católica mais tradicional de sexualidade – notadamente de Santo Agostinho que remete a São Paulo -, cuja permanência ainda é verificável no pensamento teológico contemporâneo sobre o assunto.

Segundo Heinemann, a hostilidade ao prazer e ao corpo é um legado da Antiguidade, sobretudo a visão aristotélica, que foi singularmente preservado até hoje no cristianismo.

Essa visão da sexualidade teria sido conformada pelo estoicismo, especialmente, nos dois primeiros séculos da Era Cristã, e fortalecida pela invasão do pessimismo que, pouco antes do nascimento de Jesus se originou no Oriente, provavelmente na Pérsia; abriu caminho para o Ocidente e veio a se transformar no “competidor mais perigoso do cristianismo”, o gnosticismo.

Movimento que se intitulava gnosis (ciência), o gnosticismo acreditava ter reconhecido a inutilidade e a inferioridade de tudo que existia, e pregava a abstinência do casamento, da carne e do vinho. Constituindo-se num protesto veemente contra a idéia de que a vida fosse boa, tal movimento era regido por um profundo pessimismo que, por demonizar toda a corporeidade e toda matéria, contrapunha-se à cosmovisão da antiguidade.

Uta Ranke nos lembra que os gregos estavam familiarizados com a supervalorização do espírito em detrimento da matéria, intensamente presente na obra platônica, por exemplo. Mas entre eles, havia uma “estrutura unificada, graduada de baixo para cima”, sem rompimento entre uma e outro. Entretanto, a “invasão de negatividade” resultante da difusão do gnosticismo pelo mundo

¹ HEINEMANN, Uta Ranke. “**Eunucos pelo Reino de Deus**, mulheres, sexualidade e a Igreja Católica”, Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1996.



antigo, teria sido capaz de transformar a percepção da Antigüidade acerca da vida, influenciando, de forma decisiva, outras escolas filosóficas, como o neoplatonismo, que se desenvolveu na primeira metade do século III, caracterizou o fim da Antigüidade e foi de extrema relevância para a construção da teologia agostiniana, no século IV.

De acordo com a autora, o neoplatonismo exigia de seus seguidores uma vida ascética, tendo tido destino análogo ao do cristianismo: por mais que combatesse o gnosticismo desde o princípio, viu-se influenciado pela hostilidade gnóstica ao corpo. Conforme constatamos em nossa pesquisa de fontes primárias, o legado gnóstico-estóico de hostilidade ao prazer, identificado e problematizado pela autora, está amplamente presente no pensamento político-teológico católico relativo à sexualidade, produzido entre 1946 e 1973. Trabalhamos com as seguintes fontes primárias de pesquisa²: livretos de cerca de 100 páginas, diretamente voltados para a educação sexual de crianças e adolescentes de ambos os gêneros a partir dos preceitos da moralidade católica ou, destinados a esclarecer as dúvidas dos pais e educadores em relação à este tipo de formação. São geralmente escritos por teólogos que podem, eventualmente, possuir dupla formação na área médica ou no campo da Psicologia e da Pedagogia. Em grande parte das vezes, constituem-se em traduções de obras estrangeiras por importantes editoras católicas como as Edições Paulinas.

Neste artigo centraremos nossa análise na obra de André Berge, intelectual francês com formação nas áreas de Psicologia, Educação, Filosofia e Letras que, por ocasião da publicação do volume focalizado, dirigia a parte médica do Centro Psico-pedagógico Claude Bernard, identificamos, logo no prefácio, a colocação de uma discussão acerca da educação sexual:

...” Os educadores de outrora salientavam, de preferência, o **aspecto negativo e perigoso da sexualidade**, em vez de pensar em fazê-la cooperar na construção da pessoa humana. (...) Os termos **‘sexual’ e ‘afetivo’**(...) designam dois terrenos que se interpenetram. Digamos que a sexualidade sustém toda a afetividade, mas, no ser humano a afetividade ordena a sexualidade: dá-lhe valor e significação(...).

Preocupando-nos com a **‘educação sexual e afetiva’**, tivemos sempre em mira o **desenvolvimento salutar do ser integral**, levando em conta, tanto a sua **realização pessoal** como a sua **integração social...**”^{3*}

Anunciando a um só tempo sua concepção acerca da sexualidade como importante dimensão de realização existencial e afetiva, e da Educação como um processo multifacetado e intrinsecamente relacionado à construção da identidade individual (percebida como saúde do “ser integral”) e coletiva (percebida como a “integração” deste ser na sociedade), o autor, que escreve

² Em nossa tese de doutoramento, intitulada: “Igreja Católica, Medicina e Imprensa Feminina: representações sobre o corpo da mulher no Brasil Republicano”. Niterói, 2004. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2004.

³ BERGÉ, André. **A Educação Sexual e Afetiva**. Rio de Janeiro., Agir, 1968, Coleção Família 2.

* Grifos Nossos.



diretamente para os pais, prossegue no corpo do livro abordando a questão da sexualidade e, especificamente, da educação sexual; numa dupla dimensão, positiva e negativa.

Sendo assim, no item em que trata do modo pelo qual, os pais deveriam responder às curiosidades sexuais da criança, o aspecto negativo da sexualidade aparece quando o autor menciona o constrangimento dos mesmos no exercício desta função:

...” Se tantos pais se sentem constrangidos para responder às perguntas que a criança (...) lhes faz, é, sem dúvida, porque, embora confusamente, ainda consideram como uma coisa vergonhosa a sua vida sexual, embora seja a mais legítima possível (...).
É esse constrangimento, acreditamos, que deturpa a atitude dos educadores e os impede de encontrar (...) as fórmulas mais amplas que tranquilizariam o jovem interlocutor (...).
É preciso, portanto, saber falar à criança (...) sem constrangimento; explicar-lhe em termos acessíveis tudo quanto ela deseja saber e ensinar-lhe a refletir tão livremente sobre esses problemas como sobre outros quaisquer.⁴...”

Quanto à concepção dual da sexualidade, importa salientar que a mesma também despontará no texto do teólogo moralista católico, Vittorio Costa, especialmente, quando o autor refletir sobre a delicada posição do educador sexual que:

“... educado numa sociedade orientada em sentido paternalista e que, por isso, deu ao problema da sexualidade uma solução predominantemente negativa, defensivo, encontra-se ele hoje ante a exigência de estabelecer sua relação educativa com uma juventude que viveu (...) numa sociedade que tem sofrido (...), sobretudo no campo sexual, um processo de libertação, determinado por orientações ideológicas, psicológicas, sociais, que mudaram profundamente a atitude tradicionalista.”⁵...

Vale ressaltar, entretanto que, apesar desta consideração, o autor se revelará mais pessimista quanto ao sexo que André Bergé. Quanto à Bergé cabe ainda, observar que a opção pela informação normatizadora (exata, clara e dada no momento certo), em detrimento da repressão (representada pelo silêncio), enquanto instrumento pedagógico fundamental à educação sexual permeará todo o livro do autor. Esta mesma opção se fará também presente em Vittorio Costa. Apesar de sua vinculação direta à Igreja Católica como teólogo moralista e ao já aludido, maior pessimismo de sua percepção acerca da sexualidade. Assim, quanto à educação sexual Costa afirmará que:

...”A criança desde pequena deve saber dos lábios da mãe, com palavras sinceras e prudentes, como o bebê vem ao mundo – por vontade e amor de Deus - nascido do amor entre pai e mãe - e como neste amor é acolhido.(...) Antes que as crianças entrem na escola primária, os próprios pais devem instruí-las a respeito da sexualidade humana, na medida do necessário. (...) Entre os 9 e os 12 anos é necessário apresentar aos meninos e às meninas-moças uma visão clara da bissexualidade, que corresponda a seu desenvolvimento e a todos os problemas a ele relacionados. (...) Entre os 13 e os 16 anos, (...) o conhecimento relativo ao problema sexual deve ser aprofundado⁶...”.

⁴ BERGÉ, André. Op Cit p.71.

⁵ COSTA, Vittorio. **Sexo e Maturidade**, psicopedagogia da sexualidade. Petrópolis, Vozes, 1969. p.

⁶ COSTA, Vittorio. **Sexo e Maturidade**, psicopedagogia da sexualidade. Petrópolis, Vozes, 1969.



Na obra de Bergé, tal opção aparece de forma muito clara, por exemplo, nas explicações que recomenda serem dadas à criança acerca da geração da vida:

...” Quando ela (a criança) ousa falar, começa geralmente por perguntar: ‘Donde vêm as crianças’? (...) É fácil fazê-la compreender que os bebês de todas as espécies crescem primeiro no interior das mães. E se for necessário especificar ainda mais, explicar-se-á que **as senhoras possuem uma espécie de bolsa que já existe no corpo da menina – e é por isso que a menina não é feita como o menino** (...).

Certas mães acham estarem próximas da verdade, afirmando que antes do nascimento o bebê ‘está dentro do coração das mães’. Para quem tem uma noção ainda que insignificante do que é um coração, essa fantasia pseudo-sentimental não pode deixar de ser um pouco perturbadora...”⁷

É interessante notar os múltiplos processos que informam a construção do texto pelo autor. Assim, se por um lado, Bergé dá conta de informações técnicas e sugere aos pais que, para explicar a reprodução humana a seus filhos estabeleçam comparações entre a mesma e a reprodução de outras espécies de animais e até de plantas. Por outro, realiza a discussão sobre a importância da informação na educação sexual (muito cara à teologia católica desde os seus primórdios) à qual nos referíamos e, numa terceira dimensão do discurso vai, aos poucos, construindo as representações ideológicas de homem e mulher com que trabalhará ao longo do livro, acrescentando-lhes novos elementos à medida que outras temáticas relativas à sexualidade forem se acrescentando à temática da geração da vida.

Retomando a discussão sobre o lugar da gestação na explicação a ser dada aos filhos, Bergé sublinha a importância dos pormenores no âmbito da mesma, já que:

...”a menor idéia falsa pode levar a imaginação para caminhos aberrantes o que prejudicaria o equilíbrio afetivo (da criança). A exatidão nunca será demasiada (...) e não se deve evitar nenhuma interrogação”...⁸.

Quanto à construção de gênero realizada pelo autor deve-se, inicialmente, atentar para a identificação no interior de seu pensamento entre feminilidade e maternidade por um lado, e masculinidade e paternidade, por outro. Assim, a primeira referência à maternidade localizada no texto, entendendo-a ainda apenas como a capacidade feminina de procriar, lhe atribui a função de valorização da mulher, identificando-a, portanto, como um atributo que simultaneamente define a condição feminina e lhe auferir prestígio, como podemos verificar na seguinte passagem:

... “Essa primeira informação (sobre o lugar que existiria no corpo da mulher para a gestação de seus futuros filhos, diferenciando-a do homem)⁹ tem a vantagem de realçar, justamente o valor da menina aos olhos do menino, como a seus próprios olhos...”^{10*}

* Grifos nossos.

⁷ BERGÉ, André. Op.Cit. p.71-79.

⁸ BERGÉ, André. Op. Cit. p.

⁹ Parênteses nossos.

¹⁰ BERGÉ, André. Op. Cit. p.

* Grifos nossos.



Avançando na discussão sobre as diferenças sexuais à medida que caminha no detalhamento do processo de fecundação, Bergé definirá a paternidade como um estado em que já se “... tem bastante força para trabalhar, ganhar a vida da família e defender os filhos...” e seguirá mantendo a definição de maternidade circunscrita a um conjunto de potencialidades de ordem biológica. Assim, para poder ser mãe, o autor afirmará ser preciso que a menina esteja suficientemente crescida e seus seios tenham se desenvolvido “... para que ela possa dar leite ao pequenino”¹¹.

Por fim, o passo subsequente que encerra a descrição do ato da fecundação será aquele em que o autor procura auferir-lhe sentido, identificando-o como um ato de amor:

“... É uma força extraordinária que impele (...) o homem e a mulher um para o outro, dando-lhes **vontade de se aproximarem** e de **se casarem**; essa força poderosíssima chama-se **‘amor’**: E é nas carícias que trocam os que se amam, é num impulso de ternura mútua, que se produz essa ‘fecundação muito semelhante à que acontece nas plantas (...). **O filho é uma obra do amor comum, é uma prova do amor de seus pais (...)**’”. É bom que ele não conceba a aproximação de seus procriadores nem como uma espécie de aproximação quase (...) cirúrgica, nem como **um prazer egoísta** dos adultos, donde o seu pensamento teria sido completamente excluído^{12*},....

Nesta passagem em que amor e atração sexual confundem-se, a concepção de sexualidade de Bergé adquire maiores contornos, ora aproximando-se, ora afastando-se da concepção católica mais tradicional. Ao identificar amor e atração sexual, o autor inverte a operação intelectual característica do pensamento católico que trabalha no sentido de dessexualizar o amor. Tomando, por outro lado, o desejo sexual como “desejo de se casar”, circunscribe o exercício da sexualidade à esfera do casamento, de forma análoga a que faz a Igreja. E, ao qualificar o prazer sexual como egoísta, caso não contemple o desejo de ter filhos, acaba assumindo uma concepção de sexualidade basicamente procriativa, bem semelhante à tradição conventual católica.

Na obra do jesuíta norte-americano Gerald Kelly, as discussões precedentes assumem dimensões um tanto diferenciadas. A discussão sobre a importância da informação sexual, por exemplo, aparece na abordagem de outra temática, a da menstruação na educação sexual das meninas. Kelly, assim, afirmará ser:

“...coisa notável que muitas mães dizem pouco ou mesmo nada a suas filhas a respeito da menstruação e em consequência disso algumas meninas ficam completamente assustadas com o que deveria ser tomado como uma ocorrência fisiológica perfeitamente normal.”...¹³

Teólogo moralista ligado ao Instituto de Educação Religiosa, nos E.U.A, o autor, na convenção de 1940 do Instituto, é designado, juntamente com mais dois de seus membros¹⁴, a

¹¹ Idem, p.81.

¹²BERGÉ, André. Op. Cit, p.81.

* Grifos nossos.

¹³ KELLY, Gerald S. J. **Juventude, Sexo e Moral**, col: Servir, Universidade Católica do Rio de Janeiro, R. J., Livraria Agir Editora, 1956, 3ª edição, p.63.



elaborar um livro que “atendesse às necessidades intelectuais e práticas” de rapazes e moças no início dos estudos universitários e versasse sobre a castidade, notadamente, a extra-matrimonial, por tratar-se de um público majoritariamente não-casado.

Em função de tais objetivos editoriais e políticos de construção da hegemonia num país majoritariamente não-católico, a discussão sobre a sexualidade que se realiza no livro encontra-se circunscrita à idéia católica de castidade, assim como a todas as outras que lhes são correlatas (amizade, “camaradagem entre os sexos” e amor). Desta forma, o caráter dual do fenômeno percebido como, simultaneamente positivo e negativo, presente na obra de outros autores (André Bergé, por exemplo), perde ênfase, ganhando relevo o fato do mesmo pertencer, a um só tempo, à ordem divina e à ordem da natureza.

Efetuando apropriação semelhante a que realizou St.º Agostinho por ocasião da incorporação de aspectos da filosofia platônica à teologia católica, tendo em vista racionalizar dogmas fundamentais a esta religião, Kelly parece ter como um de seus principais objetivos o de inscrever o fenômeno da sexualidade na ordem divina, acrescentando a idéia católica de Deus à percepção do fenômeno como natural. Assim, ao abordar a temática da geração da vida, falará em “plano divino da reprodução” e, identificando sexo com reprodução afirmar:

... “Somente quando percebemos todo o sentido da geração humana podemos compreender porque Deus nos criou homens uns, e outros mulheres, porque fez nossos corpos tão diferentes, porque dotou a cada um particularmente com as características necessárias para a maternidade ou a paternidade, e porque nos deu aquela forte atração mútua (...) Deus poderia ter estabelecido um mundo em que ele criasse cada ser humano, alma e corpo. Nesse caso, não haveria necessidade de sexo e de suas características concomitantes. Poderíamos todos ter o mesmo tipo de corpo, e o ponto máximo de nossas relações seria a simples amizade. (...) Deus estabeleceu a presente ordem das coisas. Estabeleceu um sistema de reprodução que requer a colaboração de pais humanos...”¹⁵.

Nesta perspectiva de apreensão da sexualidade como um fenômeno de determinação divina e natural, a parte que cabe aos seres humanos é percebida apenas como “colaboração” e, mesmo nesta parte, o autor sublinha a presença de Deus:

...” Porque foi Deus quem nos deu, como a pais potenciais, uma faculdade generativa, foi Deus quem ligou ao uso dessa faculdade um especial prazer físico, foi Deus quem deu um forte apetite para o gozo desse prazer. Alguma coisa de cada um desses três elementos há de servir (...) para indicar como eles se ajustam ao plano divino”. ...¹⁶

¹⁴ Pe. Benjamim R. Fulkerson S. J., A. M., S. T. L., do Departamento de Religião da Universidade de Saint Louis (S. J. Louis, Missouri) e Pe. Clarence F. Whitford, S. J., A. M., Phd do Departamento de Filosofia da Universidade de Marquette (Miwaukee, Wisconsin).

¹⁵ KELLY, Gerald S. J. “**Juventude, sexo e moral**”, col.: Servir, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1956, 3ª edição.p.53

¹⁶ KELLY, Gerald S. J. Op.Cit. p.65.



Cabe detalhar um pouco mais a aproximação que sugerimos entre a interpretação fornecida pelo autor acerca da sexualidade e a apropriação agostiniana do pensamento platônico. Enquanto Sto. Agostinho apropria-se de aspectos da filosofia platônica no sentido de conciliá-los às “verdades reveladas pela fé cristã” e assim, dotá-las de maior eficácia visando à construção da hegemonia da Igreja enquanto instituição política, e atuando como intelectual orgânico à esta instituição, Gerald Kelly, intelectual orgânico à mesma instituição vivendo um outro momento de sua história, busca inscrever a percepção da sexualidade como fenômeno natural, já bastante recorrente no século em que vive, à cosmovisão católica no sentido de torná-la mais palatável ao público jovem para o qual sua obra se destina.

Para sofisticar, entretanto, a análise do pensamento do autor importa sublinhar que, neste processo, o mesmo abandona, parcialmente, a percepção agostiniana acerca da sexualidade e avança em relação a ela. No cerne desta percepção encontra-se a identificação do pecado por Sto. Agostinho como transgressão da lei divina e do primeiro pecado cometido pela humanidade como intrinsecamente relacionado ao sexo.

No final de sua vida, Agostinho conclui que, mesmo no Éden, a reprodução ocorria através do sexo. Tal conclusão decorre da dificuldade do autor em atribuir à mulher qualquer outra função que não a procriação. Se a mesma foi criada por Deus para ajudar ao homem, para que exatamente, ela serviria senão para procriar, já que, em todas as demais atividades – o cultivo da terra, companhia na solidão – outro homem seria de maior serventia?

Admitida a existência de sexo no paraíso, restava, ainda, pensar sobre o prazer neste tipo de relação: haveria prazer no paraíso? A resposta de Agostinho será negativa. Antes da “queda” os homens tinham total controle sob seus corpos, e os órgãos sexuais eram “servos obedientes da humanidade”, de forma análoga aos demais órgãos do corpo humano.

Nesta perspectiva, o desejo sexual é identificado como punição pelo pecado da desobediência. Como desobedeceu à Deus, o homem não conseguiria mais obedecer a si próprio. O castigo pela “queda” teria, assim, incidido, prioritariamente, sob a esfera da sexualidade. Estava, portanto, estabelecido pela hierarquia celibatária da Igreja que “o lócus por excelência do pecado estava no sexo”.

Retomando a análise do pensamento de Gerald Kelly, deparamo-nos com duas asserções do autor acerca da atração sexual entre homens e mulheres que nos remetem a Sto. Agostinho. A primeira constitui-se, na verdade, numa indagação sobre os motivos divinos que teriam levado à criação do prazer sexual: “Deus poderia ter criado seres de corpos indiferenciados que tivessem



como ponto máximo de suas relações a amizade, então, por que o prazer sexual?” A resposta dada pelo autor não é tão negativa quanto a agostiniana que concebe o prazer como punição divina à desobediência de Adão e Eva, mas o simples movimento de tentar imaginar como seria a reprodução humana sem o sexo revela uma desconfiança em relação à ele que nos remete a Agostinho.

Referências Bibliográficas:

BERGÉ, André. **A educação sexual e afetiva**. Rio de Janeiro: Agir, 1968, Coleção Família 2.

COSTA, Vittorio da. **Sexo e maturidade**, psicopedagogia da sexualidade. Petrópolis, Vozes, 1969.

HEINEMANN, Uta Ranke. **Eunucos pelo reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

KELLY, Gerald. S. T. **Juventude, sexo e moral**. Rio de Janeiro, Agir, 1953.

PINHEIRO, Anna Marina Madureira de Pinho Barbará. **Igreja Católica, Medicina e Imprensa Feminina**: representações sobre o corpo da mulher no Brasil Republicano. Niterói, 2004. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2004.